

MULHERES PAMPEANAS NA TRAMA HISTÓRICA E CULTURAL GAÚCHA: TENCIONANDO VERDADES

Autora: Juliana Corrêa Pereira Schlee¹; Orientadora: Paula Corrêa Henning²

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), julianaschlee@gmail.com

ST: História, memórias e narrativas

Resumo: Neste trabalho, em um exercício filosófico buscamos pensar e problematizar como as mulheres do pampa gaúcho são constantemente posicionadas na trama da história, e cultural da tradição gaúcha em que coloca o gaúcho – homem, viril, macho, forte – na centralidade do discurso. Para mirar a história, aceitamos o convite de Michel Foucault, a perceber a que representação histórica estamos presos e a interrogar os modos de subjetivação. Para isso olhamos alguns acontecimentos discursivos como a criação de uma literatura regionalista, assim como a fundação do Centro de Tradições Gaúchas. Na história do pampa gaúcho, na cultura e na arte é importante destacar uma invenção do gaúcho heroico como um elemento central e é a partir deste que passa a ser elaborada a figura feminina, posicionando-a como coadjuvante e delineando seus contornos.

Palavras-chave: História, Michel Foucault, Acontecimentos discursivos, Mulheres, Gaúcho.

Introdução e ferramentas metodológicas

Neste trabalho, em um exercício filosófico, tendo como intercessor desta pesquisa o filósofo Michel Foucault, buscamos pensar e problematizar como as mulheres do pampa gaúcho são constantemente posicionadas na trama da história, e cultural da tradição gaúcha em que coloca o gaúcho – homem, viril, macho e forte – na centralidade do discurso. Importante pensar a respeito deste discurso que é constantemente atualizado. Para isso, nosso desejo é, de algum modo, problematizar o quanto estes discursos fabricados na cultura e na tradição gaúcha nos subjetivam, nos educam e, muitas vezes, determinam nossos modos de ser e de viver nossa atualidade.

Para alcançar o objetivo proposto neste trabalho vamos percorrer alguns acontecimentos discursivos que entrelaçam Mulheres, Pampa gaúcho e natureza. Entendendo que os acontecimentos discursivos são eventos importantes, traçados históricos que são tomados como discursos, como algo que irrompe num certo tempo e lugar. O modo de constituir-se como mulheres, como pampa e como natureza é atravessado pelos discursos,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/CAPES. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF/FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Doutora em Educação, Professora dos programas de Pós-graduação em Educação e Ciências e Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Coordenadora do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF/FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

enunciações e acontecimentos que modelam, controlam e regulam e são regulados por nós, sujeitos desse tempo. Através de uma perspectiva pós-estruturalista, problematizamos verdades e certezas que atravessam a constituição das mulheres do Pampa.

Na trama histórica e cultural gaúcha

Entendemos que as marcas culturais, históricas do Rio Grande do Sul vêm tradicionalmente constituindo uma posição de destaque do gaúcho, e que isso possa ser uma das condições de possibilidades para que as mulheres ocupem um espaço menos privilegiado nas relações humanas com o pampa gaúcho. Por isso selecionamos alguns acontecimentos discursivos, importantes para tencionar as posições ocupadas por gaúchos e gaúchas na história do Rio Grande do Sul.

Para mirar a história, deslocamos algumas premissas mais clássicas. Uma delas refere-se a entendê-la como uma construção marcada por relações de poder. Para pensar e problematizar a história do Pampa, aceitamos o convite de Foucault em romper com a história linear, progressiva, unitária, totalizante, e mais, a desconstruir a história, perceber a que representação histórica estamos presos e a interrogar os modos de subjetivação, isto é, na constituição de nós mesmos, sujeitos deste tempo. Como nos fala Rago (1993) “[...] para Foucault somos produzidos por relações de poder, somos efeito mais do que produtores”.

Importantes contribuições para esta pesquisa são as pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF/FURG) sob orientação da Prof^a Paula Henning, a tese de Virgínia Vieira (2017) que ao pesquisar a música pampeana, buscaram provocar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo esta arte como uma importante ferramenta para pensarmos como vem se dando a constituição de saberes referentes à natureza e a relação do homem com a paisagem natural na região do Pampa; assim como, o trabalho de pesquisa realizado por Schlee e Henning (2016) que ao pesquisar a fotografia traz provocações importantes sobre o gaúcho como produção cultural, com o objetivo de problematizar as certezas e a essência gaúcha e sua relação com a natureza.

Alguns suportes para a construção da cultura gaúcha são as peculiaridades do Estado, como seus limites fronteiriços, sua história, sua formação e a simultânea afirmação do pertencimento ao Brasil, que é constantemente atualizada, reposta e evocada. O caráter feroz do gaúcho seria explicado pela “necessidade de dominar a natureza, garantir fronteiras, rebelar-se contra os desmandos do governo central, além dos

conflitos internos do próprio estado” (OLIVEN, 2006, p.65). São discursos que vão sendo tomados como verdadeiros nesta construção cultural do gaúcho, ou até mesmo dos gaúchos e das gaúchas. Verdades estas que nos capturam, nos enredam e nos constituem.

Vale lembrar que nem sempre a figura do gaúcho teve o atual significado gentílico. Até meados do século XIX eram considerados contrabandistas de gado, desertores das tropas com uma conotação pejorativa, uma figura que foi negada e marginalizada muitas vezes. Com a organização das estâncias, o gaúcho passou a significar peão e guerreiro, na atualidade é uma figura central da cultura do Rio Grande do Sul, sendo valorizado e colocado como representante do Pampa nas mais diversas práticas culturais (SCHLEE E HENNING, 2016).

Na historiografia, na literatura gaúcha se investe numa posição heroica do gaúcho e as mulheres são tomadas como coadjuvantes nesta construção histórica, social, cultural e política, assim como no âmbito ambiental. Que posição as mulheres do pampa gaúcho tomam nas vivências cotidianas na sua relação com o pampa e a natureza em uma construção histórica e cultural?

Problematizar a essência de um “verdadeiro gaúcho” ou uma “verdadeira gaúcha”, questionar as posições que são legitimadas nesta construção cultural, são conceitos que são criados na superfície do dito, nos interstícios históricos e culturais. Ao pensar na história do presente, uma história que busca as condições de possibilidade para a emergência de saberes atrelados com as relações de poder, nos fala Schlee e Henning (2016, p. 531) “[...] temos o sujeito pampeano, o gaúcho, como um sujeito discursivamente construído, sendo um resultado, um produto cultural”.

O gaúcho, homem do campo é o protagonista desta história, que se identifica com a sua dimensão rural, como descreve Pesavento (1993, p.388) “[...] monarca das coxilhas, centauro dos pampas, ele é algo que mistura o componente selvagem, de exacerbação permanente, com altivez inata de quem habita imensidões sem fim”. Na metáfora de centauro o gaúcho, metade homem valorizado pela honra e metade cavalo enaltecendo sua força e mobilidade, se cristaliza uma figura masculina, assim como suas virtudes de valentia, honradez e força (PESAVENTO, 1993).

Com a exaltação da temática regional gaúcha é fundado a Sociedade Partenon Literário em 1868 em Porto Alegre, uma sociedade de intelectuais e letrados, cujo objetivo era criar uma literatura do Rio Grande. Alinhados com uma estética romântica, os escritores se voltam ao espaço regional, este fenômeno foi chamado de *regionalismo literário*, comparado e não excludente do fenômeno *regionalismo gaúcho*

reconhecido por Joseph Love no plano histórico, entre o período de 1870 a 1920, nesta época, o País e o Rio Grande do Sul eram regidos pelos ideais de modernização tanto no âmbito social como no industrial, assim como no plano literário, que exigiam campanhas de alfabetizações, fundaram-se bibliotecas, escolas e acionava o fazer literário à criação de sociedades e agremiações (MOREIRA, 1993).

Compreendemos que no final do século XIX e início do século XX, é momento histórico para emergência de um discurso, por que aqui se encontra uma condição de possibilidades para que se posicione a figura masculina do gaúcho na centralidade da cultura, da história do Rio Grande do Sul. Pinçamos da história a fundação da Sociedade Partenon Literário, assim como a criação de uma literatura regional gaúcha como um acontecimento discursivo, em meio a tantos outros, que ocorreram em um mesmo período histórico, como a criação da primeira agremiação tradicionalista, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre. (1898), assim como a União Gaúcha de Pelotas fundada, em 1899, pelo escritor João Simões Lopes Neto (OLIVEN, 2006). E vemos aqui um discurso que é pulverizado em diferentes instâncias como na literatura, na arte, na cultura, na política e até mesmo na música rio-grandense. Um discurso que é retomado e atualizado em 1948, quando foi criado o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, em Porto Alegre, o “35” CTG, cujo nome refere-se à Revolução Farroupilha do ano de 1835 e que vai servir de modelo para centenas de CTGs existentes no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo.

Dentro dos Centros de Tradição Gaúcha (CTG) se produz modos de ser gaúcho e de conduzir a conduta de homens e mulheres, ao exercer uma “vigilância comemorativa” necessária para reinventar e manter o culto aos costumes e tradições gaúchas (DUTRA, 2002). No início o CTG tratava-se de reproduzir o mundo da fazenda de criação de gado, o galpão com fogo de chão e roda de chimarrão, que segundo os tradicionalistas este lugar era frequentados somente por homens. As mulheres não pertenciam ao grupo e foram incorporadas mais tarde ao Tradicionalismo, como coadjuvantes para participarem das festividades. Aqui vemos que a centralidade do gaúcho na cultura, na história e nas tradições gaúchas é constantemente reinventada, reciclada, retomada, fabricada em diferentes épocas e circunstâncias. Foucault nos convida a pensar numa história externa, exterior da verdade:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história (FOUCAULT, 2002, p.10).

A partir de diferentes contextos sociais, políticos,

culturais, históricos, as representações em torno desse sujeito gaúcho vem sendo fabricadas, assim como das mulheres pampeanas, não há um momento ou uma origem específica. Torna-se importante pensarmos e problematizarmos o quanto estes ditos fabricados na cultura nos ensinam, nos subjetivam, e muitas vezes determinam modos de ser e de viver no Pampa gaúcho.

Há uma construção de um gaúcho cristalizado no tempo e espaço, os tradicionalistas foram inventando indumentária (bota, bombacha, chapéu, lenço,...) assim como os costumes, as músicas e as danças. E assim, quando a primeira mulher se filiou no CTG, foi necessário inventar uma figura feminina, e que para não chamar de “china” que tinha um sentido pejorativo, intitularam de “prenda” que significa objeto de valor, que pode ser dado de presente à alguém e que passa a ser a expressão da “mulher honesta”, passa a representar a “mulher gaúcha” (DUTRA, 2002), além disso, criaram uma indumentária para a prenda para que “combinasse” com a indumentária do gaúcho, um vestido com cores suaves, discreto e simples, conforme as virtudes que o gaúcho lhe atribui. Mas apesar de uma regulamentação sobre a indumentária feminina pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) as mulheres preferem vestir-se com bota e bombacha, “não é difícil compreender essa preferência se nos lembrarmos que a figura que é exaltada quando os tradicionalistas falam no Rio Grande do Sul é sempre a masculina, cabendo à mulheres o papel subalterno de ‘prenda’” (OLIVEN, 2006, p. 175) [grifo do autor].

Importante destacar nesta trama uma construção, uma invenção de gaúcho heroico como um elemento central da cultura Rio-grandense, e é a partir deste gaúcho que passa a ser elaborada a figura feminina, posicionando-a como coadjuvante e delineando seus contornos.

Algumas considerações...

Buscamos neste trabalho tencionar verdades e certezas sobre a posição que ocupa o gaúcho na trama histórica e cultural da sua tradição. Pensar nas mulheres pampeanas, é pensar também na cultura e tradição gaúcha que nos atravessam até os dias atuais e que legitimam maneiras de ser no cotidiano, seja na roda de chimarrão, nas festividades com a família e os amigos com um churrasco assado pelos homens e a salada preparada pelas mulheres; seja no trabalho, na escola, seja na música e na literatura e que muitas vezes são formas de ser já naturalizadas. Mas, além disso, é importante pensar que as mulheres pampeanas não estão cristalizadas no tempo, elas são também atravessadas por outros movimentos atuais, como os movimentos feministas que atuam no âmbito nacional,

internacional assim como no Rio Grande do Sul. Na história do pampa gaúcho, na cultura Sul Rio-grandense, na arte, na música na literatura mulheres e homens pampianos são constituídos através de práticas e relações que instituem gestos, modos de falar e agir, condutas e posturas apropriadas, no âmbito cultural, social, econômico, político e ambiental.

Referências

- DUTRA, C.P. **A Prenda no Imaginário Tradicionalista**. (Dissertação). PUC/RS. Porto Alegre, RS, Brasil, 2002.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 2002.
- MOREIRA, M.E. Regionalismo e Literatura no Rio Grande do Sul. In: ALVES, F. das N.; TORRES, L.H. (Orgs.). **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: Editora da FURG, 1993, p. 131-135.
- OLIVEN, R.G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- PESAVENTO, S.J. A invenção da sociedade gaúcha. **Ensaio FEE**. Porto Alegre, (14)2, p. 383-396, 1993.
- RAGO, M. As Marcas da Pantera. Foucault para historiadores. **Resgate**, v.4, n.5, 1993, p. 22-32.
- SCHLEE, R.L. HENNING, P.C. Pensar a história do presente: contribuições para olhar o Pampa gaúcho. In: II Seminário Internacional Michel Foucault: cinquentenário de As Palavras e As Coisas. V. 1. 2016, Pelotas: **Anais...** Pelotas: UFPel, p.506-532.
- VIEIRA, V.T. **Naturalismo Poético-pampeano: uma potência musical do pensar**. (Tese de Doutorado). PPGEA/FURG. Rio Grande, 2017.